Ao Archivo Publico Mineiro
Off. Augusto de Lima
Ouro Preto, 25 de julho de 1896.

AUGUSTO DE LIMA

DISCURSO

Proferido na sessão magna do club

UNIÃO REPUBLICANA

em 21 de Abril de 1896.

Sob a presidencia do Ex.mo Snr. Dr. Francisco Sá, Secretario da Agricultura e representante do Governo do

ESTADO DE MINAS GERAES

OURO PRETO
Typ. Beltrão -- Tiradentes, 32
1896

Ex.mo Snr.

Cidadãos !

Quando no recesso humilde de meu lar, entre os labores modestos e honrados de minha profissão de Magistrado e Lente, procurou-me uma commissão de distinctos representantes da mocidade republicana, levando-me a incumbencia de ser o seu interprete nesta solemnidade civica, não houve excusa de que me não lembrasse para evitar a salliencia da posição indicada, mais cheia de responsabilidades, do que promissora de successo. Fôra-me facil, com effeito, o expediente das excusas, umas nascidas da incompetencia, outras da falta de autoridade da minha palavra, outras da propria profissão que exerço mais habituado á frieza do raciocinio e da dogmatica, do que ás emoções calidas da tribuna. Confesso, porem, que as excusas emmudeceram em meus labios, quando os distinctos moços fundamentaram sua generosa insistencia em motivos do coração. Sirvam elles tambem perante vós que me ouvis de justificativa para o máo desempenho que eu der ao meu honroso mandato, ainda mais cheio de res-

ponsabilidades, por sua extensão, pois represento tambem nesta festa patriotica a egregia corporação da Faculdade livre de direito deste Estado.

Eu não venho dizer cousas novas sobre a tragedia que este dia recorda : nem preciso de reproduzir diante do vosso espirito culto todos os episodios desse martyrio da liberdade, que conheceis passo por passo, angustia por angustia—elle pertence ao evangelho nacional (*Muito bem*).

Como os antigos sacerdotes do rito etrusco, em suas solemnidades de commemoração, limitavam-se ao symbolismo silencioso, cravando um prego nas paredes do templo para significar o decurso de um anno, poderia tambem esta geração, religionaria do rito da liberdade nacional, todos os annos, em cada anno, symbolisar o seu culto ao proto-martyr da Republica—abraçando-se todos em torno da bandeira da Patria ! (*Muito bem !*)

O ultimo signal commemorativo da fundação de Roma foi substituido pelo berço divino de Belem; mas nos annaes da Roma pagã continuava a fulgir a data de 21 de Abril. Coincidencia que approxima as eras, as nacionalidades e as zonas do globo! Este dia tem um duplo prestigio de legenda: o nascimento da primeira cidade do mundo antigo e a morte do primeiro martyr do novo mundo. Mas não pára ahi a coincidencia.

Refere a legenda que nas excavações feitas em uma das sete collinas foi encontrada uma cabeça ensanguentada.

Esta cabeça foi julgada um feliz presagio, significando que Roma tornar-se-ia a cabeça do mundo.

Que designios reservará a Historia nas dobras do futuro sobre o papel de nossa civilisação ? A altiva cerviz de Tiradentes, violentamente decepada e depois exposta entre o céu e a terra, que relação terá com a mysteriosa cabeça que o arado romano encontrou nas excavações do Capitolio ?

Si a predicção dos augurios não foi desmentida pela successão dos seculos, que trouxeram no seu bojo a grandeza colossal e a primasia incontrastavel do *povo rei* sobre todas as outras nações da terra, porque descrermos dos grandiosos destinos de nossa Patria, quando já pompeia um capitolio no patibulo donde rolou a cabeça do *inconfidente ?* Em menos de um seculo, o reprobo se transfigura em heróe, o réu em juiz, o penitente em redemptor. A revolta desordenada de Villa Rica se transforma na Republica de 15 de Novembro (*bravos*); a espada de Tiradentes, passando de geração a geração, como sagrado patrimonio de familia, transmitte-se a Deodoro, em cujas mãos inflamou-se como o archote da liberdade, para illuminar a Patria redimida (*applausos*).

A monarchia representativa, mascara de democracia, mas prolongamento degenerado do despotismo de direito divino, faltando-lhe o prestigio e força deste para fazer as *Alçadas*, elimina-se a si propria com o silencio discreto da dynastia e seus cortezãos e os applausos unanimes do povo (*muito bem!*) Descrer dos destinos da Republica ou temer pela sua firmeza fôra desconhecer as licções do passado.

De um pantano infecto, junto ás margens do Tibre, mais infecto e epidemico do que toda vasa do Parahyba, do Pomba, do Muriahé e do S. Francisco, junto á rocha do Palatino, muito mais esteril e brusca do que a ilha da Trindade; luctando com tribus visinhas desenfreiadas e fanaticas, levantou o povo romano a maravilha de sua cidade, antes que a bacteriologia discutisse os problemas do saneamento, antes que a diplomacia instituisse todas as formas da cortezia internacional, antes que a mechanica inventasse o thesouro de suas machinas, antes que a egualdade humana e a força social da democracia fossem proclamadas como dogma.

E havemos nós de deixar que o desalento nos alquebre o animo, quando temos um mundo por estancia, todas as riquezas da natureza por patrimonio, innumeras linhas a que podemos ligar nossos destinos, e sobre nossas cabeças, um céu mais bello do que o céu do Adriatico, mais rico de constellações do que o de Pythagoras, mais cheio de sonhos do que o de Platão ! (*Applausos prolongados*). Desanimar ? quando todas as forças da natureza convidam o homem a aproveital-as em seu bem e no bem commum.

Desanimar ? quando a flora exuberante de nossas mattas, açoutadas pelos ventos, parece dizer ao homem :

« Vêm, faze de nós uma cidade, leva os nossos troncos millenarios, constróe navios e nelles permuta the-

souros e corações: leva as nossas folhas e allivia os soffrimentos : leva os nossos fructos e mitiga a fome aos necessitados : leva as nossas flores e com o seu perfume embriaga as almas amorosas». (*Os applausos interrompem o orador*). Desanimar? quando os nossos rios dizem: «Vêm, que te conduzimos, nós somos os fios de prata ligando zonas de ouro e pedrarias... Alguns de nós vão ao mar: vèm, montanhez do sertão,—ao longe sorri o Athlantico e alem do Athlantico, outros povos e alem destes outros mares....: vêm, pescador, que suppões que a grandeza ultima da terra é o mar; vêm, que eu te conduzo ás regiões das nuvens, onde a caligem dos volcões arrefece nas avalanches da neve! (*Bravos ! Applausos prolongados*)...E nesse côro de vozes em que á porfia as forças da natureza seduzem, comprehende o homem a força do seu poder, toma consciencia de sua dignidade, concebe o trabalho como a lei do seu desenvolvimento social Acima de sua cabeça só o infinito lhe é superior: em torno de si só os homens lhe são eguaes. (*Muito bem*!) Dessas unidades eguaes forma-se uma somma, desta somma a união solidaria, da união a liberdade e da liberdade o direito. (*Applausos*). Não, meus senhores ! O dominio de um homem sobre os outros homens não é governo compativel com um povo nas nossas condições. A pujança e riqueza de um paiz que tem consciencia de si não podem coexistir com o governo de um só homem, ou se chame *absolutismo* ou *monarchia constitucional* ou *dictadura pretoriana*. (*Muito bem*!)

Tiradentes apparece na Historia do Brazil como a encarnação mais perfeita dessa consciencia.

Não lhe faltaram no caracter messianico que elle veiu representar traços de semelhança com o fundador do christianismo. E si esta approximação historica póde de algum modo parecer uma irreverencia, eu me apresso de accrescentar que me refiro á parte puramente humana de Christo e que o maior escudo levantado por Tiradentes na sustentação de sua idéa politica, era a fé religiosa symbolisada no dogma da Trindade. Não lhe faltou um precursor no seu apostolado Annos antes da Inconfidencia, Phelippe dos Santos já havia aberto na consciencia publica o sulco luminoso das idéas livres, e a sua cabeça, como a do Baptista, havia pago caro a audaciosa doutrina.

Quatro animaes, em cujas caudas foi o martyr

atado, em disparada pelas ruas declives desta cidade, eis o capitulo final do episodio sangrento, em que o conde de Assumar representou de Herodes, não lhe faltando nenhum dos perversos defeitos do governador da Judéa desde a hypocrisia e dobrez até o instincto mais sanguinario. Foi já baptisado nesse Jordão de sangue, que o eximio Joaquim José da Silva Xavier, humilde filho do povo, como Jesus, e como elle de coração amantissimo, manso com os pequenos, altivo com os grandes, energico com os phariseus do direito divino, gemendo com as dores alheias, esquecendo as dores proprias, depois de desprender-se de todos os interesses, consagrou-se a sua grande missão. (*Muito bem*).

E por uma inversão admiravel que mais tocante faz a analogia, quiz o destino ou a providencia que a Christo, espirito de eleição, intelligencia transcendente, se unissem como discipulos e auxiliares homens rudes e ignorantes; ao passo que Tiradentes, espirito sem cultura, como o diamante sem faces, havido a principio como um instrumento apenas dos designios de uma pleiade de espiritos geniaes, Tiradentes se transformou no unico centro das aspirações democraticas e foi o mais notavel, senão o unico vulto do memoravel evento. *(Muito bem!)*

Condemnado, como outros, á pena de morte, estes tiveram, como Barrabaz, o seu indulto de paschoa e só elle, como Jesus, foi ao patibulo. *(Applausos)*.

Mas no que a affinidade deixa de ser uma simples analogia para tornar-se uma semelhança singular entre o nazareno e o mineiro é na figura de Joaquim Silverio dos Reis, reproducção fiel do degenerado apostolo de Kerioth, sendo que do judas nem a coragem teve do suicidio e nem a sensibilidade do remorso; pois, derramado o sangue do martyr, em vez de arrojar os trinta dinheiros ás portas do templo, ia a Lisbôa receber o habito de Christo (de Christo, sim!) com 200$000 de tença e a quitação da quantia de 167:553$770 réis, de seu alcance com a real fazenda. *(Pausa)*.

A 21 de Abril de 1792, ao meio dia, na praça de S. Domingos, no Rio de Janeiro, expirava o martyr no patibulo, deixando escripto no seu processo uma epopéa de abnegação, de coragem e de amor á liberdade. Diante da tibieza dos outros condemnados que se retrata-

vam ignominiosamente, ou lançavam uns sobre os outros a culpa sem par do levante, foi Tiradentes o unico que teve a sublime coragem de dizer a verdade, e mais do que isto, de exageral-a, procurando desviar os seus companheiros do lobrego destino que o aguardava.

Sobre a firmeza, serenidade e elevação moral do martyr são unanimes todas as memorias.

Tambem elle symbolisa o esforço mais heroico, a aspiração mais accentuada para o ideal republicano no Brazil.

A terra mineira, theatro de sua existencia austéra e sem mancha e de sua actividade apostolica, teve o sagrado privilegio de receber o seu corpo e de ser fecundada com o seu sangue. *(Muito bem!)*

De Christo sortearam os judeus entre si a tunica inconsutil: de Tiradentes os executores de Maria I partilharam o corpo entre os quatro logares, onde mais se assignalaram os feitos da inconfidencia, hoje pontos cardeaes da liberdade do Brazil. *(Bravos!)*...reservando a cabeça para ser exposta na praça desta cidade, aqui mesmo, como escarmento aos contemporaneos e ás gerações porvir. Mas nem assim tardou o martyr a resuscitar no bronze do monumento, na realidade da republica e nas acclamações do povo, que ora presenciamos. *(Applausos geraes).*

E hoje a sua figura legendaria paira acima dos partidos, como o sol acima das nuvens *(applausos prolongados interrompem o orador)*...e o seu nome é uma palavra de concordia e paz entre irmãos, como será um grito de combate pela Patria no momento do perigo. *(Applausos).*

São estes, exm. sr. presidente e meus concidadãos, os sentimentos do club *União Republicana* e da *Faculdade livre de direito*, que aqui me enviaram. Em nome destas corporações, das quaes uma proclama o amor na republica, a outra evangelisa o direito e a justiça, em nome de ambas, exm. snr., nesta hora solemne e sob a invocação da sombra veneranda de Tiradentes, deposito nas mãos de v. exc. as mais sinceras homenagens e com ellas o voto ardente pela prosperidade e união da familia mineira e da patria republicana. *(Uma salva de palmas e prolongados applausos cobrem as ultimas palavras do orador que ao descer da tribuna é abraçado pelo auditorio).*

Aos Mineiros

A revolta de parte da armada nacional, que ha longos tres mezes traz suspensa a vida nacional, causando perdas irreparaveis de vidas, propriedades, dinheiro e credito, acaba de tomar nova feição em seus intuitos, pelo pronunciamento do sr. contra-almirante Saldanha da Gama.

O iniciador da revolta, sr. contra-almirante Custodio de Mello, em seus manifestos, declarava-se pela Constituição Republicana, cuja pureza s. exc.ª pretendia restaurar contra o depositario constitucional do poder, o sr. marechal Floriano, affirmando ao mesmo tempo a necessidade de pôr termo ao militarismo no Brazil.

O sr. contra-almirante Saldanha, adherindo á revolta, em manifesto de 7 do corrente, vae muito além, com a seguinte importantissima declaração:

«A logica assim como a justiça dos factos auctorisaria que se procurasse á força das armas repôr o governo do Brazil onde estava a 15 de novembro de 1889, quando num momento de surpresa e estupefacção nacional elle foi conquistado por uma sedição militar de que o actual governo não é senão uma continuação.

O respeito, porém, que se deve á vontade nacional livremente manifestada, aconselha que ella mesma escolha solemnemente e sob sua responsabilidade a fórma de instituições sob que deseja envolver os seus gloriosos destinos.»

Isto significa que tudo quanto se tem feito de 1889 até hoje em materia de organização constitucional e governativa, quer na União, quer nos Estados, de nada vale, desapparece como se não tivesse existido ! As Constituições autonomas dos Estados, a organização de sua magistratura, municipalidades, serviço de terras, colonização, immigração, etc., tudo deixa de existir, sendo de novo consultada a nação afim de pronunciar-se livremente.

Mas, sob que governo se fará essa consulta? S. exc.ª não quererá as cousas assim como *a logica e a justiça dos factos* reclamam? Caso assim não fosse, que novas garantias de isenção e imparcialidade poderá qualquer governo de facto offerecer para escapar ás suspeitas com que s. exc.ª recebe as manifestações das urnas, promovidas pelo governo revolucionario sahido da revolução de 1889?

Com o mesmo direito com que s. exc.ª julga nulla a manifestação das urnas, que se produziu durante o periodo revolucionario e o Constitucional, que seguiu-se, algum outro chefe do exercito ou da armada virá mais tarde arguir de vã e sem força a nova manifestação nacional que se quer promover. A uma série ininterrompida de revoluções — eis para onde seria levado o Brazil.

As revoluções radicaes, como a de 1889, se legitimam pelo pronunciamento do povo nas urnas e nas diversas manifestações da vida nacional em suas multiplas e constantes relações com os orgãos do poder

publico, e o governo de facto dellas oriundo não póde consultar a Nação por meios regulares como se faz em virtude de Constituições e leis preexistentes, em epocas normaes.

O desmoronamento de uma ordem politica anterior, abalando a sociedade até aos seus alicerces, não deixa logar a processos regulares para consulta ao povo. Foi o que se fez em virtude da revolução de 1889.

Nem os illustres almirantes revoltados, se conseguissem o triumpho para sua causa, poderiam agir de outro modo. Seria, porém, o cumulo das calamidades para o Brazil abrir de novo o campo para reconstrucções politicas, protrahindo por tempo indeterminado a revolução de 1889.

As revoluções, mesmo victoriosas, trazem males incalculaveis á vida economica da Nação. Que não acontecerá então, se as revoluções se succederem de modo vertiginoso, como se quer fazer entre nós? Será a ruina completa da riqueza publica e particular, das classes productoras, das classes que trabalham ; a esterilização dos grandes elementos de riqueza natural que por todo o Brazil jazem á espera do trabalho vivificante para nos conduzirem á prosperidade sem igual, pois o trabalho só medra onde reina a paz, a ordem, a lei.

Enganam-se aquelles que esperam o fim do militarismo por meio da revolta de militares. Cego é quem não vê que o militarismo consiste principalmente na competencia e rivalidade dos chefes do exercito e armada pela posse do poder, arvorando-se cada um, que disponha de elementos armados, em arbitro supremo dos poderes constituidos e funccionando em virtude da Constituição.

Em vez de appellarem para os meios estabelecidos nesta e nas leis para o processo e julgamento dos

depositarios da auctoridade, constituem-se juizes definitivos, lançando mão da *ultima ratio* — a força.

E' isso exactamente o que fazem os illustres almirantes.

O modo porque se effectuou a revolução de 1889 foi, sem duvida, deploravel pela ausencia do elemento popular, dando logar a que as classes armadas se constituissem depositarias do poder por força das circumstancias. Entende o sr. contra-almirante Saldanha que por esse motivo deve-se fazer nova consulta á Nação para que se pronuncie sobre seus destinos, dando como não existentes todas as manifestações das urnas sobrevindas de então para cá. S. exc.ª esquece-se de que o governo provisorio tambem declarava fallar em nome da Nação, como hoje acredita s. exc.ª fallar.

Ninguem se illuda: o que se pretende é firmar de modo decisivo para os chefes do exercito ou da armada a faculdade de se constituirem arbitros supremos da Nação. Se ao approximar-se o termo do periodo constitucional do marechal Floriano, investido do poder pelo Congresso Nacional na fórma da Constituição, já em vesperas da eleição presidencial, uma parte da força publica revoltada por alguns de seus chefes, quer obrigal-o a deixar o poder violentamente, quem acreditará na estabilidade do poder nas mãos dos presidentes que forem eleitos depois, para servirem durante quatro annos?

Não é menor erro appellar para a restauração monarchica como remedio para os nossos males. Se essa fórma de governo não pode manter-se no Brazil depois de funccionar por 60 annos, e quando se achava encarnada em homem da estatura moral do sr. D. Pedro II, como acreditar que possa ser restaurada com vantagem, não tendo sequer um representante conhecido pela sua capacidade para governar?

Depois do funccionamento por mais de quatro annos da autonomia dos Estados e dos poderes locaes, é crivel que possamos voltar ao antigo regimen centralizador das provincias?

Os povos são ciosos de sua liberdade e franquias, e não abdicam facilmente daquellas em cuja posse se acham.

Como sóe acontecer sempre que se dão revoluções radicaes, substituindo a forma de governo, nos primeiros tempos as novas instituições encontram resistencia e attritos, que mais tarde vão desapparecendo com o seu funccionamento regular. E' o que acontece ao Brazil.

De leviandade sem par daria prova o povo que diante de facto tão natural pensasse em retroceder, e de sua leviandade teria immediata punição porque a antiga ordem de cousas maiores embaraços encontraria para funccionar, e por força das circumstancias teria de promover tremenda reacção, complicando ainda mais o problema governativo e social.

A prova de que a forma republicana adapta-se á sociedade brazileira, está no modo por que foi ella recebida e tem se desenvolvido no nosso Estado.

Se publicistas dos mais illustres affirmam que a forma republicana conquistará em futuro não remoto as velhas sociedades européas, quem se animará a esperar que a monarchia conquiste terreno em sociedades profundamente democraticas e egualitarias, como as da America?

Os esforços de todos os brasileiros devem convergir para dar ás instituições que nos regem o seu verdadeiro caracteristico, para que funccionem com regularidade.

A paciencia é virtude imprescindivel ás democracias, e a belleza destas está em que ahi *ninguem póde tudo, nem póde sempre.* Os depositarios do poder publico succedem-se em periodos breves, e quem os escolhe é o povo, por meio das urnas.

Para punir as prevaricações e crimes desses depositarios, ha tribunaes organizados; ninguem é irresponsavel. Para corrigir seus erros politicos, ahi estão as urnas.

Em épocas tão perturbadas como a actual, mui facil é a desorientação de espiritos, mesmo rectos e illustrados, pela incompleta apreciação dos problemas politicos, e é por isso que me julgo no dever de dirigir-me ao povo mineiro, expondo, com lealdade e franqueza, o meu modo de encarar a situação, tendo-a estudado com espirito calmo e desprevenido, e pondo em contribuição o conhecimento que tenho dos homens e das cousas, adquirido em minha já longa experiencia de negocios publicos.

Sabem todos que não applaudi, e antes lamentei a revolução de 1889, que destruiu a monarchia, então representada pelo grande patriota D. Pedro II, homem de grande saber e serviços. Previ as agitações que seguir-se-iam a esse facto e nada do que contemplo, com profundo pezar, em nosso paiz, sorprehende-me. Comprehendi, porém, desde logo que a monarchia não poderia mais ser restaurada em condições de dar-nos paz, ordem e encaminhar o paiz a seu engrandecimento.

Estava quebrado de vez o seu prestigio, e os elementos novos que vieram tomar o seu logar jámais se deixarão eliminar em paiz americano — no fim do seculo XIX. Em taes condições, a restauração teria como consequencia fatal o esphacelamento da grande Patria Brazileira, desastre que todo o patriota deve evitar com o maior exforço. Estados autonomos e prosperos jamais se sujeitarão á condição de provincias sem recursos, manietadas em seu desenvolvimento.

E' esta uma verdade incontestavel.

E' preciso fazer a republica como ella deve ser : ordeira, conservadora, progressista.

As revoluções só se legitimam quando necessarias para destruir a tyrannia, e ai dos povos que a ellas recorrem como meio normal de corrigir erros e faltas de seus governantes, antes de esgotados os meios firmados em suas leis e constituições! Em vez da liberdade, terão a anarchia, em vez da grandeza, a decadencia; em vez da estima e respeito, o desprezo dos povos civilisados.

E' esse mal que desejo ver affastado de nossa querida Patria, e assim não hesitei um só momento em reprovar a revolta de 6 de setembro, que tantos males nos tem causado.

Foi para mim motivo de grande consolação e contentamento patriotico vêr que a minha comprehensão dos interesses nacionaes e do Estado mereceu a approvação do benemerito Congresso Mineiro, que acaba de condemnar de modo claro a revolta, havendo por assim dizer unanimidade de opiniões, mesmo daquelles que não votaram a moção approvada, conforme se vê das respectivas declarações de votos dos divergentes.

Terminando, peço a Deus que illumine os espiritos daquelles que combatem, fazendo-lhes, vêr que o sangue de crianças, de mulheres de velhos, de nossos irmãos emfim, não fecunda, esteriliza o solo da Patria.

Ouro Preto, 11 de dezembro de 1893.

Affonso Augusto Moreira Penna.

898 — 93

Offerecido á Carlos de Erg.ª
e por mim recebido